

Franklin Martins



20 FEV 1995

Custou, mas começou

Fernando Henrique está com a corda toda. Na semana que passou, teve uma agenda digna de candidato em reta final de campanha. Foi ao interior do Paraná acordar o Brasil para ir à escola, fez dois discursos de peso — um para empresários, outro para sindicalistas — deu uma longa entrevista coletiva na qual passou em revista praticamente todas as áreas de seu Governo, enviou ao Congresso suas primeiras propostas de emendas constitucionais, fez uma visitinha de surpresa aos presidentes do Senado, José Sarney, e da Câmara, Luís Eduardo, e, para culminar, foi a Puerto Iguazu, acompanhado de uma penca de ministros, dar uma mãozinha a seu colega argentino, Carlos Menem, que tenta a reeleição. De quebra, ainda comprou uma briga com as montadoras de automóveis sediadas em São Paulo, que se valentearam com a subida da alíquota de importação de veículos de 20% para 32% e estão achando que podem fazer o que bem entendem.

Desde os tempos de Collor não se via uma dose maciça de exposição na mídia como essa. O curioso é que, logo depois de sua posse, Fernando Henrique andou advertindo a imprensa para que não esperasse que ele produzisse manchetes todos os dias. Seu estilo de governar, esclareceu, seria discreto e sóbrio. Buscaria a eficiência, não os holofotes. Que bicho mordeu, então, o presidente na última semana?

“Sapo não pula por boniteza, mas porém por precisão.” A observação de Guimarães Rosa, pelo visto, vale também para os príncipes. O presidente não se transformou, de uma hora para outra, em garoto-propaganda porque descobriu que o papel lhe fica bem, mas porque chegou à conclusão de que precisava sair em campo urgentemente em defesa de seu Governo, que começava a tomar ares de velho menos de dois meses depois de nascido. Foi uma providência acertada. Com ela, retomou a iniciativa política.

Ao longo da maratona da última semana, Fernando Henrique mandou vários recados e botou os pingos nos ii em pontos cruciais. O primeiro recado, curto e grosso, foi para os funcionários das estatais. “Não tenho medo de bicho papão”, disse o presidente, praticamente escolhendo seus adversários na batalha

da quebra dos monopólios da União e carimbando a idéia de que resistência dos sindicatos às mudanças é movida pelo combustível do corporativismo.

Mas o presidente não se limitou a bater nos adversários. Aproveitou para dar um freio de arrumação no ônibus que transporta seus aliados. Advertiu com todas as letras que a reforma do Estado não é a sua desmontagem, mas o seu reaparelhamento para novas funções. Para Fernando Henrique, se o Estado não pode mais ser, como no passado, o carro-chefe do processo de investimentos no país, nem por isso deve renunciar a intervir na atividade econômica. Precisa adaptar-se para exercer funções reguladoras e fiscalizadoras, em defesa da sociedade, contra as práticas monopolistas. Seu modelo de Estado não é o de Vargas, mas tampouco é o de Margaret Thatcher. Os liberais podem ser seus companheiros de viagem, mas ele não é um liberal.

Outro recado importante: o presidente jogará todo o seu peso político para acabar com o monopólio da Petrobrás e da Telebrás, mas não pretende vender essas estatais. A iniciativa privada oferece a oportunidade de negócios em áreas antes fechadas, mas não o patrimônio da União existente nesses setores. A privatização, sublinhou, é apenas um dos mecanismos existentes. O outro, a menina dos olhos de Fernando Henrique, é o sistema de concessões, em que a União, como poder concedente, deixa a exploração da atividade econômica nas mãos de grupos privadas, mas sob permanente monitoração. Para o presidente, as concessões — e não as privatizações — predominarão em áreas estratégicas, como petróleo, telecomunicações, energia elétrica, portos, rodovias e ferrovias.

A idéia básica é que os capitais privados devem entrar nesses setores para expandir a produção e os serviços, e não para assumir o controle do nível de atividade hoje a cargo das estatais ou o seu patrimônio. Em suma, quem quiser correr riscos e desbravar novas áreas, será bem-vindo. Aqueles que sonhavam em receber de mão beijada uma galinha morta, podem ir cantar noutra freguesia.

Parece que o Governo Fernando Henrique, finalmente, começou.